

500<sup>th</sup> ANNIVERSARY OF THE TORRE DE BELÉM

The saga of the Portuguese discoveries, embarked upon in the fifteenth century, ushered in new prospects of interactions between people through better knowledge of our planet, the humanist movement and relations on a worldwide scale. Lisbon blossomed at the time of the Discoveries, with its growing importance as a cosmopolitan city, rapidly becoming a reference and meeting point for cultures, peoples and knowledge, and its port an obligatory stopover for those navigating the international trade routes. Portugal was at this time the protagonist of a pioneering globalisation which united continents, peoples and nations by sea.

Protecting the city of Lisbon became a crucial necessity. King D. João II (1455-1495) took the initiative of outlining an innovative and effective plan, which consisted of the creation of a tripartite maritime defence between Cascais bulwark, the fortress of São Sebastião da Caparica (also known as Torre Velha) on the other bank of the River Tejo, and a third fortress, Belém Tower, erected by his successor D. Manuel I. The crossfire thus achieved between the two banks of the river would prevent the entry of enemy ships.

Belém tower was built between 1514 and 1519, some distance from the bank and surrounded by water, by the architect Francisco de Arruda. It is also elegant evidence of the transition of military architecture from the ancient medieval defences to the "modern" forms of the Renaissance, with its original combination of a recessed tower with a forward placed body well armed with artillery.

Belém Tower's artillery system - two firing levels and bullets ricocheting off the surface of the water - is similar to what was used in the Portuguese galleons, giving them a long firing range and strategic capacity to control the water on the open sea.

In addition to being a deterrent weapon, Belém Tower was to be the magnificent sentinel of the capital of the empire. In this watchtower, D. Manuel I, absolute ruler of a powerful and opulent empire, inscribed his heraldry in stone - the royal arms, the armillary sphere and the Cross of the Order of Christ.

As an emblematic and iconographic testimony of this historic crossing of cultures, a rhinoceros arrived in Lisbon in May 1515, sent to King D. Manuel I by the Portuguese governor of India, Afonso de Albuquerque. This animal disembarked at Belém quay and was sculptured in stone in a naturalist style at the base of one of the sentry-houses of the Tower. In that same year, the German artist Albrecht Dürer, based on descriptions sent from Lisbon, created his famous engraving which spread the image of this "exotic" animal all over Europe which, up to this time, had been identified with the mythical unicorn.

Over time, and with the construction of new, more modern and effective fortresses, Belém Tower gradually lost its defensive purpose. The tower was later used as a customs house and a prison. It witnessed its storage rooms transformed into dungeons at the time of the Spanish occupation (1580) and in subsequent periods of political turbulence.

During the nineteenth century, Liberalism and Romanticism brought in new conceptions of History and built heritage as pillars of identity of peoples and nations and, thus the imperative need to preserve Monuments for future generations. It was in this context that Belém Tower was restored in 1846, enhancing the original design of the building based on aesthetic criteria and standards that favoured the uniformity of the "Manueline style" of this Monument.

Belém Tower was classified a National Monument in 1907 and as UNESCO World Heritage in 1983. Nowadays it is recognised as a supreme symbol of Portuguese cultural heritage, an icon of the city of Lisbon and a memorial to the Great Portuguese Seafaring Journeys of the fifteenth and sixteenth centuries. Five centuries later, Belém Tower continues to be the guardian of the individuality and identity of the Portuguese. It is a cultural reference, a symbol of the particularity of a country that wishes to maintain a present and future ongoing dialogue with other cultures and civilisations and, above all, with those with whom we share a long common historical experience.

## Dados Técnicos / Technical Data

Emissão / issue - 2015 / 07 / 01

Selos / stamps

€ 0,45 - 155 000

€ 0,72 - 145 000

€ 0,80 - 115 000

Bloco / souvenir sheet - com 1 selo / with 1 stamp

€ 2,00 - 40 000

Design - Folk Design

Créditos / credits

Selos / stamps

€ 0,45 - Códice da casa de Cadaval, nº 29, Imagem cedida pelo ANTT; Dom Manuel I, Biblioteca Nacional de Portugal.

€ 0,72 - «A magnifica Torre de Belém» de Évarard Chauveau, 1733, Museu de Lisboa; Rinoceronte vindo para Portugal em 1515 numa escultura da Torre de Belém e numa gravura de Albrecht Dürer datada de 1515.

€ 0,80 - Torre de Belém, Topo Photo Agency/age/Fotobanco; Nota de 20\$00 emitida em 1978, Banco de Portugal.

Bloco / Souvenir sheet

Interior Torre de Belém, Folk Design;

Torre de Belém, imagebroker/Alamy/Fotobanco;

A Torre e a entrada da barra de Belém de Dirck Stoop, 1662, Museu de Lisboa.

## Agradecimentos / acknowledgments

Arquiteto João de Sousa Araújo, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Banco de Portugal, Biblioteca Nacional de Portugal, Museu de Lisboa.

Papel / paper - FSC 110 g./m<sup>2</sup>

Formato / size

selos / stamps - 40 x 30,6 mm

bloco / souvenir sheet - 125 x 95 mm

## Picotagem / perforation

Cruz de Cristo / Cross of Christ 13 x 13

Impressão / printing - offset

Impressor / printer - BPOST

Folhas / sheets - com 50 ex. / with 50 copies

Sobrescritos de 1.º dia / FDC

C5 - € 0,75

C6 - € 0,56

Pagela / brochure - € 0,70

Obliterações do 1.º dia em  
First day obliterations in

Loja CTT Restauradores

Praça dos Restauradores, 58

1250-998 LISBOA

Loja CTT Município

Praça General Humberto Delgado

4000-999 PORTO

Loja CTT Zarco

Av. Zarco

9000-069 FUNCHAL

Loja CTT Antero de Quental

Av. Antero de Quental

9500-162 PONTA DELGADA

Encomendas a / Orders to  
FILATELIA

Av. D. João II, n.º 13, 1.º

1999-001 LISBOA

## Colecionadores / collectors

filatelia@ctt.pt

www.ctt.pt

www.facebook.com/FilateliaCTT

O produto final pode apresentar pequenas diferenças.  
Slightly differences may occur in the final product.

Design: Design&C

Impressão / printing: Futuro Lda.



A epopeia das descobertas portuguesas, iniciada no séc. XV, trouxe ao mundo novas perspetivas de relacionamento entre os homens através do melhor conhecimento do nosso planeta, do movimento humanista e das relações à escala mundial. Lisboa, na época dos Descobrimentos, viu crescer a sua importância como cidade cosmopolita, tornando-se rapidamente num ponto de referência e encontro de culturas, gentes e conhecimentos e, o seu porto, uma paragem obrigatória para os que navegavam nas rotas do comércio internacional. Portugal é então protagonista de uma pioneira globalização que uniu por mar continentes, povos e nações.

Proteger a cidade de Lisboa tornou-se uma necessidade. Teve o rei D. João II (1455-1495) a iniciativa de traçar um plano inovador e eficaz, que consistia na formação de uma defesa marítima tripartida entre o baluarte de Cascais, a fortaleza de S. Sebastião da Caparica (também chamada Torre Velha), na outra margem do Tejo, e uma terceira fortaleza, a Torre de Belém, erguida pelo seu sucessor D. Manuel I. O cruzamento de fogo que assim se alcançava entre as duas margens do rio impediria a entrada de navios inimigos.

A Torre de Belém foi construída entre 1514 e 1519, a alguma distância da margem e cercada de água, pelo arquiteto Francisco de Arruda. É um testemunho eloquente da arquitetura militar de transição entre as antigas defesas da Idade Média e as «modernas» do Renascimento. Conjugava com originalidade uma torre recuada com um corpo avançado e bem artilhado.

O sistema de artilharia da Torre de Belém – dois níveis de fogo e balas que faziam ricochete na superfície da água –, semelhante ao que era utilizado nos galeões portugueses, permitia um grande alcance de tiro e capacidade estratégica para controlar as águas em mar aberto. Para além de um instrumento de dissuasão, a Torre de Belém seria a magnífica sentinel da capital do império. D. Manuel I, rei absoluto de um poderoso e opulento império, aí inscreveu em pedra a sua heráldica: as armas reais, a esfera armilar e a cruz da Ordem de Cristo.

Como testemunho emblemático e iconográfico desse histórico cruzamento de culturas, em maio de 1515, chegou a Lisboa um rinoceronte enviado pelo governador português da Índia, Afonso de Albuquerque, ao Rei D. Manuel I. Este animal desembarcou no cais de Belém e foi esculpido em pedra de forma naturalista numa das bases de guarita da Torre. Nesse mesmo ano o pintor alemão Albrecht Dürer, com base em informações enviadas de Lisboa, criou a famosa gravura que difundiu a imagem deste «exótico» animal por toda a Europa que, até então, era identificado com o mítico unicórnio.

Com o passar do tempo, e com a construção de novas fortalezas mais modernas e eficazes, a Torre de Belém foi perdendo a sua função de defesa. Foi um posto aduaneiro e prisão. Viu os seus armazéns transformados em masmorras, a partir da ocupação filipina (1580) e em períodos posteriores de instabilidade política.

No séc. XIX, o Liberalismo e o Romantismo trouxeram novas conceções da história e do património construído como pilares identitários dos povos e nações e, assim, a necessidade imperativa da preservação dos monumentos para as gerações futuras. Foi nesse contexto que em 1846 a Torre de Belém foi restaurada, valorizando a traça original do edifício com critérios e padrões estéticos que privilegiaram a uniformidade do «estilo manuelino» deste monumento.

A Torre de Belém foi classificada como Monumento Nacional em 1907 e como Património Mundial da UNESCO em 1983. É hoje reconhecida como um *ex-libris* do património cultural português, ícone da cidade de Lisboa e da memória das grandes navegações portuguesas dos sécs. XV e XVI. Cinco séculos depois a Torre de Belém mantém-se hoje como guardião da individualidade e da identidade dos portugueses. É um referente cultural, um símbolo da especificidade de um país que deseja manter no presente e no futuro um diálogo permanente com outras culturas e civilizações e, sobretudo, com aqueles com quem partilhamos um longo percurso histórico comum.

